

# 10 ECONOMIA

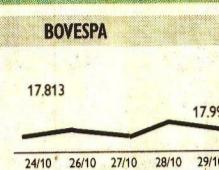
TEMA DO DIA // DESENVOLVIMENTO  
Economia - Brasil

CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, QUINTA-FEIRA, 30 DE OUTUBRO DE 2003

Editor Marcelo Onaga // marcelo.onaga@correio.com.br  
Subeditores: Maísa Moura e Sandro Silveira  
Tel. 342-1148  
e-mail negócios@correio.com.br

Brasil



Últimas cotações (em R\$)

22/outubro	2,86
23/outubro	2,86
24/outubro	2,87
27/outubro	2,87
28/outubro	2,86



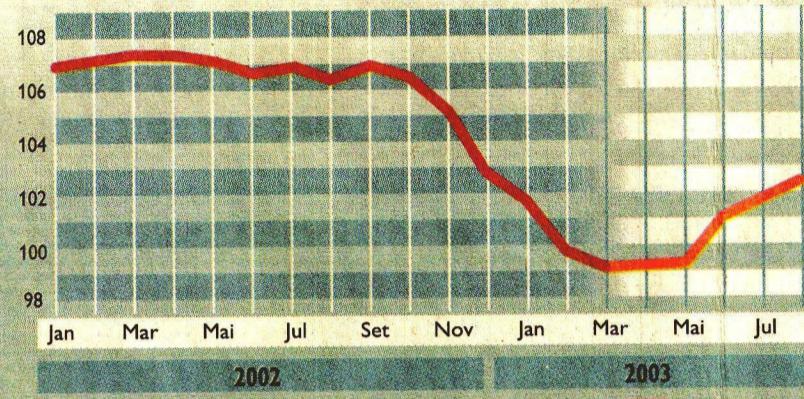
INFLAÇÃO

	IPCA do IBGE (em %)
Maio/2003	0,61
Junho/2003	-0,15
Julho/2003	0,20
Agosto/2003	0,34
Setembro/2003	0,78

## CENÁRIO MELHOR

Indústria inicia ciclo de aumento da produção

## MASSA SALARIAL SOBE

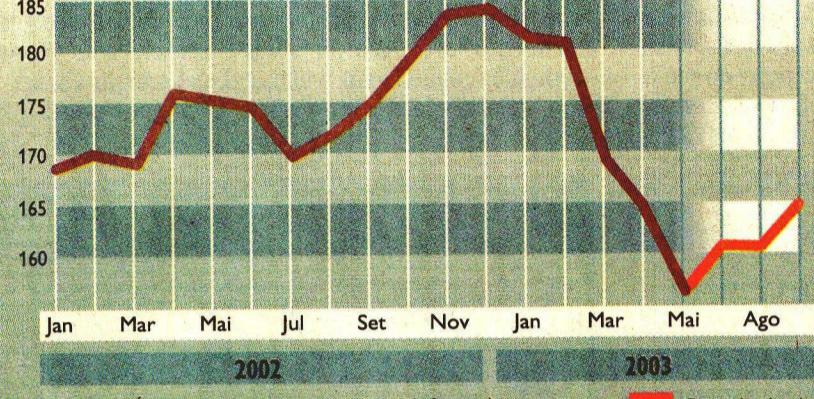


Fonte: CNI. Massa salarial real dessazonalizada

## EM ALTA

- O nível de utilização da capacidade instalada das empresas alcançou 81,9% em outubro, 1,5 ponto percentual acima do registrado em julho.
- A pesquisa mostra que 24% das empresas pretendem contratar mais do que demitir mão-de-obra e apenas 10% mostram intenção de reduzir o número de empregados. A diferença de 14 pontos entre os dois extremos é a maior, para a mesma época do ano, desde o quarto trimestre de 1989.
- Para 51% dos empresários, a economia será melhor nos próximos seis meses. Apenas 12%, apostam o contrário. É o melhor resultado desde a sondagem de abril do ano passado.

## PRODUÇÃO DE BENS DURÁVEIS AUMENTA



Fonte: IBGE. Índice dessazonalizado (média móvel de 3 meses)

Período de alta

- O total de empresas que apontam o nível da demanda interna como fraco despencou 33 pontos percentuais, de 49%, em julho, para 16%, em outubro.
- Em julho, a proporção de indústrias com estoques excessivos superava a de empresas com estoques insuficientes em 19 pontos percentuais, o maior saldo desde 1992. Agora, essa diferença caiu para 10 pontos percentuais.

Fonte: Fundação Getúlio Vargas (FGV)  
Arte: Joelson Miranda/Editoria de Arte

# Retomada do crescimento

Economia - Brasil

VICENTE NUNES

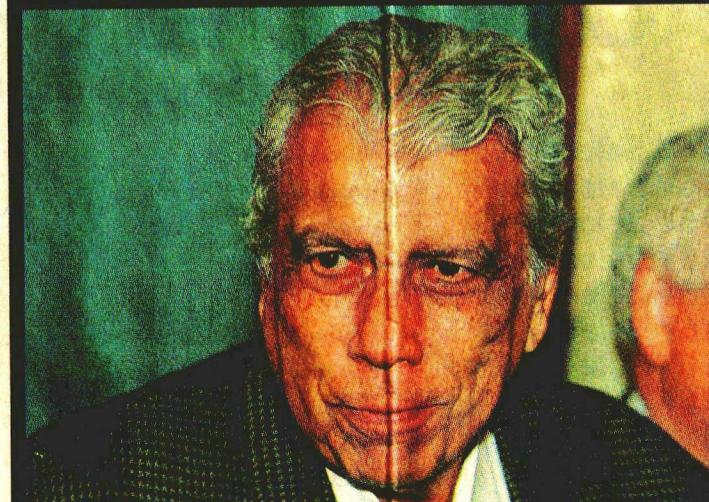
DA EQUIPE DO CORREIO

**A**indústria brasileira retomou o fôlego e já está em franco processo de crescimento, depois de ter atingido o fundo do poço em junho. Foi o que informou ontem o professor Aloísio Campelo Jr., do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV), ao divulgar a sondagem conjuntural da indústria de transformação (*leia quadro acima*). Os estoques das empresas estão caindo, a produção aumentando e há fortes indicativos de que, após as demissões recordes entre janeiro e setembro, o emprego industrial voltará a crescer nos próximos seis meses.

Outros setores comprovam a pesquisa da FGV. As vendas de produtos eletroeletrônicos subiram 20% em setembro em todo o país. No Rio, dois fatos: o total de consumidores que aumentaram os gastos passou de 58,21% em setembro para 60,48% neste mês; conforme a Federação das Indústrias do estado (Firjan), as vendas industriais aumentaram 2,9% de agosto para setembro. Na terça-feira, a federação paulista (Fiesp) divulgou crescimento de 6% no mesmo período.

"Analisando os números de

José Paulo Lacerda/AE 02.06.00



ANTONIO ERMÍRIO: "CRESCEMENTO SEM MAIOR OFERTA DE POSTOS DE TRABALHO"

Em relação ao emprego na indústria, 24% das companhias consultadas pela FGV afirmaram que pretendem mais contratar do que demitir empregados neste quarto trimestre do ano e somente 10% mostraram disposição para fechar mais postos de trabalho do que contratar pessoal. A diferença entre as duas posições, de 14 pontos percentuais, é a melhor para os últimos três meses do ano desde 1989. O professor Campelo Jr fez, porém, uma ressalva: "A produção da indústria só não aumentou mais até agora, porque as empresas se preocuparam em desvalorizar os estoque encalhados, que estavam elevadíssimos".

Esse alerta foi endossado pelo empresário Antonio Ermírio de Moraes, presidente do Grupo Votorantim. Em entrevista à rádio CBN, ele destacou que o "crescimento da produção industrial não será acompanhado da maior oferta de postos de trabalho". Segundo Ermírio, a globalização da economia é perversa para o mundo em desenvolvimento, pois leva as empresas a aumentarem a atividade empregando menos, para manter a competitividade. "É preciso produzir e ao mesmo tempo enfrentar os preços do mercado internacional. Antes, tí-

nhamos 55 mil funcionários. Hoje, estamos com 33 mil. Se não fizéssemos os cortes, teríamos fechado", declarou.

O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, não entrou nessa discussão. Mas, em depoimento na Comissão Mista do Orçamento do Congresso, fez questão de enfatizar que o pior momento para a economia brasileira ficou para trás. A seu ver, debelados os riscos da inflação e a crise de confiança, que levaram o governo a dar um choque de juros no país, já se percebe sinais da retomada em diversos setores da economia.

Para Meirelles, ao Brasil tem hoje condições de crescer 3% ou mais no ano que vem e se expandir ainda mais nos anos seguintes. Ele ressaltou a melhora do risco-país — que recuou, em um ano, de 2.400 para 600 pontos —, a queda das taxas de juros e a estabilidade nos preços do dólar. Por isso, na avaliação do presidente do BC, há clima favorável à recuperação dos investimentos no setor produtivo. Outro ponto destacado por Meirelles foi a recuperação da massa salarial.

A recomposição, segundo ele, ocorreu inicialmente em maio, de forma tímida. Mas, desde julho, vem se dando de maneira mais vigorosa. E principal efeito dela, disse o presidente do BC, foi a re-

cuperação da atividade via consumo a partir do terceiro trimestre, evidenciada pelo aumento da produção de bens duráveis (*veja gráficos acima*).

## Mais vendas

Segundo a Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletrônicos (Eletros) as vendas, em setembro, dos produtos da linha branca, de portáteis e de imagem e som registraram crescimento de 20,31%, em relação ao mesmo mês de 2002, e de 20,39% frente a agosto deste ano. "Se as vendas se mantiverem nesse ritmo até dezembro, poderemos encerrar o ano com queda acumulada de 4% e iniciar 2004 com perspectivas de uma retomada do crescimento", disse o presidente da entidade, Paulo Saab. A retração nas vendas do setor chegou a 13,19% no primeiro semestre e, agora, está em 8,14%.

Apesar da queda dos juros e de todas as facilidades criadas pelo comércio para estimular o consumo, o vice-presidente da República, José Alencar, disse que está fora do mercado consumidor. "Ultimamente, sou um péssimo consumidor. Ganho tão pouco, que não estou consumindo nada". Dono de uma das maiores empresas têxteis do país, a Coteminas, Alencar recebe R\$ 8 mil brutos por mês na vice-presidência do governo.